

O PROTAGONISMO FEMININO NA LITERATURA INFANTO- JUVENIL: DESMISTIFICANDO O FINAL FELIZ EM A *PRINCESA* *SABICHONA*¹ E A *PRINCESA QUE ESCOLHIA*²

Chrisllayne Farias da Silva³
Thaís Calixto Felipe⁴

RESUMO

A leitura literária é considerada como um importante meio para o desenvolvimento e construção cognitiva-social do indivíduo, exercendo também, por meio dos discursos críticos-reflexivos, a desconstrução de preconceitos, rompimento de padrões pré-estabelecidos e possibilitando a voz aos sujeitos marginalizados, bem como as discussões referente às representações de gênero presentes nas obras. Nesse contexto, o presente artigo tem por finalidade evidenciar o protagonismo feminino e a ressignificação do final feliz nas histórias de princesas. Além de apresentar uma proposta de leitura literária a partir das obras. Buscando compreender a importância de tais leituras para a desigualdade de gênero, assim como a importância do discurso de empoderamento e a prática de liberdade presente nas histórias. Para tanto, adota-se a abordagem qualitativa e de natureza bibliográfica, para analisar as obras *A Princesa Sabichona* de Babette Cole e *A Princesa Que Escolhia* de Ana Maria Machado, que abordam, sobretudo a autonomia, criticidade e o posicionamento das personagens acerca do que lhes é determinado. A pesquisa está respaldada nas contribuições teóricas de Abreu (2006), Beauvoir (2009), Cademartori (1986), Cosson (2009), Riche (1999), Lauretis (1994), Louro (2000), entre outros autores que tratam da importância da leitura literária para a formação social, educacional e política do indivíduo, e autores que discutem as questões de gênero e da personagem feminina na literatura. Por fim, os resultados evidenciam a influência da literatura literária no ensino-aprendizagem, como um importante meio para despertar a fantasia e ludicidade, mas principalmente, a contribuição no desenvolvimento de sujeitos críticos.

Palavras-chave: Leitura Literária, Literatura Infanto-Juvenil, Protagonismo Feminino, Igualdade de Gênero.

1 INTRODUÇÃO

A literatura infanto-juvenil, por meio da ludicidade, fantasia e das histórias com caráter bem humorado, retratam o contexto na qual a sociedade insere-se, de algum modo, seja por

¹Obra escrita por Babette Cole com o título original *Princess smartypnats*, tradução de Mônica Stahel, publicada pela editora Martins Fontes, em São Paulo, no ano de 1998.

²Obra escrita por Ana Maria Machado, ilustrado por Mariana Massarani e publicado no Rio de Janeiro pela editora Objetiva, em 2012.

³Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, chrisfariassilva@gmail.com;

⁴Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, thais.cafelipe@gmail.com.

intermédio do aspecto social, político, econômico, étnico, cultural, dentre tantos outros. Tais aspectos contribuem para a construção da história, elaboração de personagens e diálogos que irão estar presentes nas obras e desenvolvem no sujeito-leitor a representatividade, identificação e/ou a criticidade referente ao que ler.

A literatura infantil tem como obras consagradas que simboliza o começo de uma literatura voltada para as crianças, os contos de fadas escritos por Perrault, os irmãos Grimm e Andersen, que por meio das histórias clássicas de Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, Bela Adormecida, Branca de Neve, Cinderela e outras tantas que marcam diferentes épocas e acompanham a trajetória das crianças e dos jovens. Estas obras são apontadas como um marco inicial e importante de obras literárias que se direcionam para esse público. (CADEMARTORI, 1986).

Considerando ainda que as obras marcadas como consagradas nesse âmbito da literatura infanto-juvenil, são escritas em um determinado contexto social e cultural, muitas vezes, sob o viés de uma sociedade homogênea, burguesa e que retratam uma realidade particular. Sendo assim, as novas necessidades, pluralidades e diversidade de um povo sentem-se na necessidade da inclusão, do lugar de protagonista e da representatividade nas histórias. Haja vista, que a literatura, também, tem a função de criticar, questionar e problematizar questões que há muito tempo foram marginalizadas, subalternizadas e desvalorizadas.

Preocupando-se em retratar estas questões referentes ao negro, a mulher enquanto agente, aos pobres, as diferentes culturas, raças, etnias, novas histórias e adaptações surgem com a finalidade de possibilitar que o espaço na literatura torne-se também um meio de criticar e questionar os espaços sociais que essas pessoas inferiorizadas ocupam. Revelando também que tais discussões são importantes para a construção de uma sociedade democrática, crítica e reflexiva acerca das diversas problemáticas.

Neste sentido, este artigo tem como objetivo analisar, por meio de duas obras, de que maneira as questões referentes ao lugar da mulher nas histórias de princesas são retratadas, assim como as representações de gênero, raça e classe social são discutidas ao longo das narrativas. Apresentamos, também, uma proposta de leitura literária, destacando o papel da literatura infanto-juvenil para a contribuição do ensino-aprendizagem, mas principalmente, para possíveis reflexões e criticidade por meio da fantasia e da ludicidade presentes nas obras.

Enfatizando ainda, a importância da leitura para a formação do leitor-literário e o desenvolvimento crítico-reflexivo a partir do conhecimento e de leituras significativas para a construção de sujeitos empáticos, capazes de questionar, problematizar e contribuir para uma sociedade igualitária, minimizando preconceitos e intolerâncias.

2 METODOLOGIA

Tem-se como *corpus* deste trabalho as obras literárias *A Princesa Sabichona* de Babette Cole (1998) e *A Princesa que Escolhia* de Ana Maria Machado (2012), por meio destas obras, objetiva-se verificar as representações do feminino, bem como os aspectos culturais e sociais que constroem a narrativa, evidenciando de que maneira a imagem feminina, por meio das personagens e linguagens das princesas são postas na narrativa.

Tratando-se de uma análise, o método de pesquisa é de cunho qualitativo, que conforme Bortoni-Ricardo (2008), neste tipo de pesquisa, “procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto.” (p.34). Quanto ao procedimento é o bibliográfico, em que se trata de uma análise aprofundada e no recolhimento de fontes e pesquisas que possuam relação com o tema do trabalho, para embasar e contribuir nas discussões, podendo chegar às novas abordagens e perspectivas acerca do assunto. (MARCONI e LAKATOS, 2003).

Para as discussões presentes neste trabalho, utilizamos como aporte teórico as discussões de Abreu (2006), Candido (2000), Riche (1999) que tratam da literatura e de sua importância para a formação do aluno-leitor, Cosson (2009) e as suas contribuições com a sequência básica e o letramento literário, Cademartori (1986) acerca da literatura infantil, do seu surgimento e das principais obras que marcam o gênero. Beauvoir (2009), evidenciando a representação da mulher e as questões referente a gênero.

Para tanto, este trabalho tem como ênfase a análise das representações das personagens de princesas nas duas obras, atentando para os aspectos socioculturais e as questões de gênero que estão imbricadas nas discussões acerca do feminino. Além disso, apresentar, brevemente, uma proposta de experiência literária a partir das obras. Considerando que a finalidade do artigo é discutir e enfatizar a importância da leitura literária para o desenvolvimento da criticidade e reflexão dos sujeitos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A literatura e a sua influência na formação de alunos críticos-reflexivos

Algumas perspectivas voltadas para a sala de aula compreendem a literatura apresentada nos livros didáticos e nas escolas, como forma de trabalhar aspectos exteriores ao que o texto oferece, como a procura, incansável, por aspectos sintáticos para o ensino de gramática, o que contribui para uma percepção dificultada a respeito da significação de leitura literária. Sendo vista, também, apenas como forma de ensino para decorar escolas literárias por meio da fixação

de datas, lista de autores e de obras como se fossem fichas a serem respondidas e a “literatura” vê-se finalizada neste contexto de ensino, que apesar de ser importante, não deve limitar-se somente a esses aspectos.

Essa forma de abordagem minimiza o texto aos fatores que não deveriam ser direcionados para o ensino de literatura, pois desconsideram que as obras permitem discussões, e contribuições referentes aos conhecimentos sociais, culturais e políticos que possuem grande importância para os discentes, haja vista, que ao possibilitar os debates por intermédio dos textos, estará estimulando o desenvolvimento da criticidade e da reflexão acerca de si e do mundo que compartilha.

A leitura tem como poder cognitivo e social, o crescimento do ser humano enquanto um ser crítico e reflexivo, podendo se posicionar sob os vários aspectos, o cultural, econômico, político. Martins (1982) afirma que “[...] aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que mal ou bem fazemos mesmo sem ser ensinados.” (p. 34). Sendo assim, o ato de ler exige do indivíduo uma atuação ativa sobre o que se ler, pois, além de ver a leitura por prazer, deleite e fruição, é preciso entender o papel que a mesma exerce sob o indivíduo e o mundo.

Sendo assim, a literatura deve ser considerada como forma de resistência, de criticidade e de reflexão, permitindo que os sujeitos constituem posicionamentos referente às questões sociais, aos aspectos políticos que são apresentados na sociedade e tenha a possibilidade de intervir, questionar e problematizar, pois como bem destaca Candido, “a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (CANDIDO, 2002, p. 175).

Também, nesta perspectiva, Abreu (2006) enfatiza que uma forma de combater a injustiça, a alienação e padronização do mundo contemporâneo é da intervenção por meio de obras da literatura, desenvolvendo a reflexão sobre a realidade em que o sujeito está inserido, desenvolvendo a ética e criticidade. Ao considerar, que a leitura das obras permite a identificação, a negação, a criticidade, é a possibilidade de habitar e conhecer outros mundos. “[...] a experiência da leitura literária nos torna mais humanos, desenvolvendo nossa solidariedade, nossa capacidade de admitir a existência de outros pontos de vista além do nosso, nosso discernimento acerca da realidade social e humana.” (ABREU, 2006, p. 81).

3.2 Breves reflexões acerca das relações de poder e a formação política das identidades de gênero

Ao nascer, o indivíduo já integra uma família e as expectativas do nascimento logo se criam, perguntas comuns referentes ao sexo do bebê, chás de bebê no formato de revelação para descobrir o sexo do bebê, por meio do uso das cores em dois polos opostos, azul caso seja um menino e rosa se for menina. Bonecas e casinhas para as meninas, carros, soldados e aviões para os meninos. Ou seja, esse ato, mesmo que feito de forma inconsciente, já revela as expectativas de gênero acerca da criança. Assim como outras instituições, como a igreja, a escola, o trabalho, entre outras instâncias, agem de poder e dominação sobre o sujeito.

Louro (2000) afirma que “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.” (p.6). Sobre esses mecanismos de gênero, as expectativas esperadas pelas crianças, ainda muito pequenas, Beauvoir (2009) discorre no capítulo infância, os comportamentos que são impostos ao masculino e ao feminino, há uma necessidade extrema, de ensinar ao menino que sua virilidade deve ser exposta, evidenciada, pois é uma forma de demonstrar e marcar o homem que você é, afinal, caso demonstre sentimentos, choros, medo, insegurança, isso tornaria a sua masculinidade frágil perante a sociedade.

Quanto à menina, deve ser essencialmente feminina, inocente, pura, delicada, e carregar o instinto materno desde muito nova. Percebemos então o quanto as tecnologias de gênero nomeadas por Lauretis (1994) funcionam e agem a partir dos sistemas de poder, o gênero é um produto e ao mesmo tempo um processo das mais diversas tecnologias sociais, que partem desde a instituição familiar, para a igreja, escola, mídias, e entre tantas outras. Portanto, “é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade.” (BEAUVOIR, 2009, p.276).

Podemos perceber a identidade de gênero como um produto, no sentido de ser articulado e entregue por instâncias de poderes, é necessário pensar a respeito destes que ocupam tais espaços de poder, seja o homem heteronormativo, branco, de elite, eurocêntrico, e os quais sejam tidos como “normais” pela sociedade.

Pensar o gênero como um produto, é pensar em algo pronto e acabado, entregue para ser consumido por aqueles grupos considerados submissos a essa hegemonia, estão subalternizados e submissos a diferentes relações de poder, e outro viés a se pensar, é a confusão entre gênero e o órgão sexual, que as pessoas tendem a determinar o gênero a partir disto. Pensar o gênero enquanto processo, é fazer o elo entre o individual e o social, e inclusive a subordinação do “eu” ao coletivo, “a representação do gênero é a sua construção - e num sentido mais comum pode-se dizer que toda a arte e a cultura erudita ocidental são um registro da história dessa construção.” (LAURETIS, 1994).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de analisar como a imagem feminina é representada nas obras *A Princesa Que Escolhia* de Machado (2012), e *A Princesa Sabichona* de Cole (1998), tomamos como ponto de partida os contos de fadas clássicos que apresentam a imagem feminina, também, por meio das princesas.

Até então, são apresentadas as crianças, princesas construídas através de um olhar homogêneo, no qual constroem padrões de mulheres que vivem em seus castelos/palácios, com seus luxuosos vestidos, à espera de um príncipe, seguindo ordens de outrem. E a ideia que perpassam é de uma vida limitada a isso. Outro aspecto a ser destacado é a aparência dessas princesas, que muitas vezes se resumem a um padrão, limitando a criança a uma única visão de beleza, que não incorpora a multiplicidade de percepções sobre o que pode ser considerado como belo.

Por meio de cumprimentos e censuras, de imagens e palavras, ela descobre o sentido das palavras “bonita” e “feia; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser “bonita como uma imagem”; ela procura assemelhar-se a uma imagem, **fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se a princesas e às fadas de contos.** (BEAUVOIR, 2009, p.374, grifo nosso).

Ambas obras recriam essa realidade, alterando o modo em que as princesas enxergam o mundo, como costumam agir, abordando a questão da autonomia, do poder de escolha sobre si e sobre o mundo. As personagens femininas ganham um novo espaço, a imagem de uma princesa desconstruída dos padrões a ela impostos e sua relação de empoderamento frente às questões que lhe são colocadas.

A obra *Princesa que Escolhia* de Machado (2012), a começar pelas ilustrações, apresenta uma princesa negra, diferenciando-se assim, dos contos de fadas em que sua maioria, tinha como personagem principal a presença feminina por meio de uma princesa branca, de cabelos loiros e olhos azuis. Sendo assim, ao apresentar a imagem de uma princesa negra, contribui para o entendimento na diversidade presente na obra, permitindo o espaço para sujeitos que há muitos anos eram, e ainda são marginalizados pela cor de pele, possibilitando a criança a identificação e o entendimento de que também é possível existir princesas negras.

Sendo fiel ao título, a narrativa de Machado (2012) apresenta-nos uma princesa diferente daquelas encontradas nas narrativas dos contos de fadas clássicos. Neste caso, a princesa queria mesmo era ter o poder da escolha, opinar e decidir sobre seu futuro pessoal e profissional. A

autora apresenta um protagonismo feminino que objetiva questionar a realidade que lhe é imposta, na história em questão, a princesa não tinha a idealização sobre o casamento e à espera de um príncipe, conforme era comum nas histórias de contos de fada.

Encontramos algo muito comum, ainda nos dias de hoje, entre as mulheres que confrontam as atitudes machistas e vontades soberanas referentes ao seu comportamento e modo de agir. A violência como consequência da resistência, ou como é o caso da princesa, o castigo que foi imposto por ter dito “não” às vontades do rei. “Não dá mesmo. Eu quero poder escolher sempre. Só quando a gente pode dizer não é que tem graça dizer sim.” (MACHADO, 2012, p.16). A desconstrução que a obra de Machado faz é da imagem já consolidada de que princesas são mulheres, que vivem dentro de um palácio, comportadas e que possuem como única expectativa para o futuro, à espera de um príncipe. Essa inclusive era a vontade do rei, submeter a filha a este ultrapassado “destino”.

Ao prender a filha na torre do palácio, a princesa passa a usufruir das coisas que um velho mago tinha deixado naquele espaço. E a partir da absolvição de conhecimento por parte da princesa ao utilizar dos canais deixados pelo mago, é que percebemos mais um ato de desconstrução, comum das histórias conhecidas: nenhum príncipe precisou salvá-la da torre. Ao enxergar um novo horizonte a partir da janela, por meio da leitura dos livros e de um computador com acesso à internet, o espírito de inquietação e luta da princesa ganharam força. A prática das relações humanas a fortaleceu, ajudando-a a compartilhar as histórias.

Uma epidemia de uma doença começou a se espalhar no reino, contaminando o povo. A princesa logo lembrou de tudo que tinha lido de histórias e pesquisado na internet e descobriu que a epidemia era causada por um mosquito. Foi a partir dessa descoberta que ela orientou as ações do rei para que a doença fosse erradicada da comunidade.

É interessante ressaltar o posicionamento do pai da princesa: o livro apresenta que o rei ficou espantadíssimo com as informações que a filha repassou sobre a doença, mas, mesmo assim decidiu seguir as orientações da princesa. Em um cenário patriarcal, como geralmente se inserem as histórias clássicas, as ordens ligadas ao chefe de família são tomadas tão somente por decisão própria e não possuem influência de outra pessoa, tampouco de uma princesa, representante da figura da mulher. Mas neste livro, o rei ouviu a princesa e seguindo suas orientações, o povo ganhou mais dignidade, mais atenção à saúde e acesso ao saneamento básico.

Encantado com tudo o que aconteceu a partir da iniciativa da princesa, o rei concedeu a ela pela primeira vez o poder de escolher algo. E como prêmio ela pediu exatamente o poder da escolha. Ainda houve uma certa resistência, mas o rei acabou concedendo o desejo dela. “Viu

como eu sou moderno? Eu deixo você escolher.” (MACHADO, 2012, p.26). Depois dessa grande conquista, a princesa passou a escolher o que comer, o que vestir, para onde queria ir e passou a frequentar a escola como as outras pessoas. Mas o rei queria casar a filha com um príncipe. Aqui nos deparamos com mais uma desconstrução da autora, a princesa decide não escolher nenhum príncipe. Ela se questiona e chega à conclusão de que não quer um marido, quer estudar, viajar, ser livre.

4.1 Ressignificação do final feliz: “Era uma vez” e “Felizes para sempre” sob o poder de escolha da mulher

Na mesma perspectiva de Machado (2012), a autora Cole (1998) por meio da narrativa mostra ao leitor uma princesa com seu próprio estilo de vestir-se, sem conduzir-se aos padrões pré-estabelecidos às princesas, e também, as mulheres: vestidos brilhantes, maquiagem, modos ‘meigos’ e ‘romantizados’ em comportar-se. Retrata a história de uma princesa sabichona, ou seja, de uma menina bastante esperta que não se a vontade de ninguém, a não ser dela mesma. Diferenciando-se dos contos de fadas clássicos, a princesa não tinha como objetivo de vida casar-se e ter filhos, pelo contrário, a princesa adorava o *status* de solteira e assim vivia sossegada no castelo, com seus bichinhos de estimação.

Porém, a narrativa propõe uma problemática a resolver-se, a rainha ordena que a princesa encontre um marido, neste sentido, é possível perceber que a ideia tradicional e conservadora, de que a mulher deve casar e encontrar um homem para que não fique sozinha, também é presente na narrativa como forma de crítica a esse pensamento que é tão difundido não apenas na literatura, mas também nas representações reais da vida cotidiana.

Para livrar-se desse destino predestinado as princesas, e de certa forma, as mulheres também, a Princesa Sabichona trata de realizar testes por meio de provas difíceis e incansáveis para que alguns dos príncipes possam provar que é capaz de casar-se com ela, tendo em vista, que a princesa vivia rodeada pelos príncipes. Então, ela enumerou atividades, como por exemplo, domar um bicho bravo, ir até a floresta na busca de lenhas, retirar seu anel do lago com inúmeros peixes, entre outros. Mas, nenhum dos príncipes conseguiu resolver as tarefas ordenadas pela princesa. Achando que se livrou do casamento e estava livre para escolher seu destino, a princesa surpreende-se com a chegada do Príncipe Fanfarrão que conseguiu cumprir com todas as tarefas.

No entanto, o príncipe e a princesa ficam juntos e com um ato delicado, a Princesa Sabichona cede um beijo ao vencedor de todas essas provas. A autora surpreende o leitor com

a conclusão da história, e mais uma vez, distancia-se do comumente ‘felizes para sempre’, pois, o beijo mágico tornou o príncipe em sapo e a partir desse momento, nenhum dos outros rapazes queriam casar-se com a Princesa Sabichona.

Sendo assim, a partir das representações do feminino nas obras, percebe-se que as autoras invertem a lógica pré-estabelecida, não somente pelas histórias clássicas, mas também pela sociedade, em que destinam a mulher o final feliz por meio de um casamento e pela espera de um príncipe para salvá-la da torre ou dos problemas que lhe aparecem, que generaliza as perspectivas das mulheres sobre o que elas mesmo querem para si. Nas narrativas presentes nas obras de Cole (1998) e Machado (2012) as princesas são responsáveis por tornar a sua vida feliz, seja por meio dos estudos, das descobertas e da imersão no mundo da leitura, como bem aparece na história de Machado, ou seja, por meio do cuidado com o mundo que a cerca, do contato com a natureza e os bichos, como mostra a autora Cole.

4.2 Uma proposta de leitura literária a partir das obras A Princesa que Escolhia e A Princesa Sabichona

A fim de contribuir com a prática de leitura literária em sala de aula, será realizado neste trabalho uma possível proposta de experiência literária a partir das obras de Machado (2012) e Cole (1997), destinada para uma turma de 6º ano, que poderá ser adaptada conforme a realidade e o contexto da turma. A proposta tem como base a sequência básica e os pressupostos de Cosson (2009), em que afirma ser necessário estratégias concretas de organização para serem usadas nas aulas de Literatura e propõe uma sequência básica para o letramento literário, com base em quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Cosson (2009) apresenta que a prática da construção de motivação para a leitura do texto literário é um processo importante para estabelecer laços e perspectivas com o texto que vai ser lido a seguir. “Ao denominar *motivação* a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação.” (COSSON, 2009, p.54). Sendo assim, a motivação desta proposta consiste em levar para a sala de aula o conceito de “princesa”. Inicialmente, como uma pergunta reflexiva para os alunos: “O que significa ser uma princesa?”, “Quais as principais características de uma princesa?”, a partir das respostas dos alunos, o professor-mediador deve conduzir as discussões.

Desta forma, inicia-se um processo de discussão a respeito do que é conhecido sobre as princesas, quais são as principais características das princesas e todas possíveis leituras de toda

turma a respeito deste tema. Ao final da discussão será disposto imagens de princesas (o recurso utilizado pode ser slide, cartaz, folhas com imagens impressas de princesas dos contos clássicos, entre outros materiais que podem ser escolhidos pelo professor conforme a realidade da escola) para que os alunos vejam a construção imagética que existe na sociedade quando se conceitua “princesa”. E após essa primeira exposição, serão apresentadas imagens da princesa sabichona e a princesa que escolhia.

Em seguida, Cosson (2009) apresenta que a introdução é uma atividade simples, mas que demanda cuidados por parte do professor. Pois neste momento é feita a apresentação sobre o autor e sobre a obra. Portanto, neste momento de introdução serão apresentadas as obras literárias *A Princesa Sabichona* com autoria de Babette Cole (1998) e *A Princesa que Escolhia* de Ana Maria Machado (2012), para contextualizar os alunos acerca das obras, apresentando as autoras, as ilustrações. Neste momento, poderão ser feitas algumas perguntas acerca dos títulos, para conhecer os horizontes de expectativas da turma acerca da leitura.

Após esse momento, poderá ser realizado o momento da leitura propriamente dita do texto proposto para os alunos. Um aspecto interessante nesta etapa se trata da maneira como Cosson (2009) apresenta que deve ocorrer essa prática de leitura. É apresentado que caso o texto proposto seja pequeno, essa leitura pode ser feita em sala de aula e assim, seguir os demais passos no ambiente escolar com orientação do professor.

Mas caso o texto seja extenso, como um romance, por exemplo, essa leitura precisará de um acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a ser cumprido. Contudo, esse acompanhamento não possui caráter de policiamento, mas sim um auxílio no processo de leitura, a fim de auxiliá-lo em suas dificuldades. Esta perspectiva está relacionada a importância do diálogo do aluno para com o texto e a possibilidade de ter o professor-mediador como colaborador na construção de conhecimentos a partir da leitura da obra.

Para nossa proposta, será feita a leitura mediada e coletiva dos dois livros em sala de aula. A primeira leitura poderá ser realizada somente pelo professor-mediador, como forma de motivar os alunos, iniciando com a leitura da obra *A Princesa Sabichona* de Cole (1998) seguida da análise de cada ilustração da obra. Posteriormente, a leitura poderá ser coletiva, da obra *A Princesa que Escolhia* de Machado (2012) e análise das ilustrações das obras, conduzidas pelo professor-mediador.

A interpretação conforme Cosson (2009), “parte do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade.” (p. 64). Portanto, esta etapa permite esse diálogo com diversos saberes e pode ser expresso por meio de alguma atividade que reúna todos estes

conhecimentos. Para esta proposta é orientada a realização de uma atividade que apresente as principais diferenças entre as princesas que os alunos conheciam antes de ler as duas obras e o que eles compreendem sobre as duas princesas que conheceram após a leitura. Neste momento, poderá ser utilizado algumas ilustrações e trechos das obras, para realizar esse contraponto entre as princesas das histórias clássicas e as princesas das obras lidas.

Ao final da leitura, será questionado aos alunos se caso os alunos pudessem mandar alguma mensagem para as princesas clássicas, como Cinderela e Rapunzel, será que teria algo que eles gostariam de avisar as princesas? A carta pode ser com tema livre, mas o professor pode orientar aos alunos a escreverem uma crítica construtiva sobre a realidade de vida das princesas (clássicas), que podem estar em desuso se comparada com as duas princesas estudadas, ou até mesmo alguma sugestão de mudança no conceito de vida de princesa e rotina das moças.

Além disso, o professor-mediador também pode perguntar aos alunos, se após a leitura e o conhecimento dessas princesas, eles gostariam de recriar uma princesa com outras características, a partir de novas histórias, o professor pode propor produções coletivas de histórias em quadrinhos (HQs) por meio da plataforma Pixton⁵, as primeiras versões das HQs podem ser realizadas por meio de manuscritos e desenhos dos alunos, e depois podem ser reescritas e passadas para plataforma, sob orientação do professor-mediador. Tanto a carta quanto as HQs podem ser publicadas em um *blog* da turma e poderão ser compartilhadas, para que os alunos se sintam autores e sujeitos ativos nesse processo da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise, é possível notar que as obras de Machado (2012) e Cole (1997), abordam temáticas que por muitos anos foram marginalizadas, tanto pela sociedade, quanto pelos escritos na literatura, trazendo discussões cruciais, como a problematização acerca do controle social ao gênero feminino, possibilitando novas abordagens a partir da reformulação das histórias clássicas destinadas ao público infantil. Pode-se ressaltar a forma como essas questões foram discutidas ao decorrer da história, de uma forma lúdica e de uma escrita acessível, levando em consideração que é destinada ao público infantil e juvenil. Percebe-se então, a influência da leitura na construção do indivíduo, é também, por meio dela que se

⁵ Disponível em: <<https://www.pixton.com/>>. Acesso em: 20 de jun. 2021.

constituí um ser crítico e reflexivo sobre as questões que lhes são impostas, podendo agir e questionar sobre o mundo em que vive.

Seguindo essa mesma linha e buscando novos aspectos e conceitos para a literatura infanto-juvenil novos escritos vão surgindo, buscando contribuir para um gênero que inclua e compreenda as diferentes formas de ver o mundo, tendo em vista, que o leitor precisa ser reconhecido na obra ou possuindo a escolha de confrontá-la, mas isso só se torna possível quando há diferentes possibilidades de representação da sociedade, quando existe o embate de ideias. Dessa forma, novos escritores vão dar a voz aos diversificados personagens e histórias nas obras, estas que antes restringiam-se apenas a visão eurocêntrica, vão dando espaço ao negro, ao homossexual, a imagem feminina, desmistificada de padrões pré-estabelecidos, que agem de acordo com suas escolhas e vontades. Essas discussões são realizadas por meio de adaptações das histórias ou das criações de novas obras.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- COLE, B. **A princesa sabichona**. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORTONI-RICARDO, S.M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, A. *Vários Escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p.169-191.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- MACHADO, A.M. **A princesa que escolhia**. Ilustração de Mariana Massarani. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, H. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.
- LOURO, G.L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. LOURO, G. L *et al.* (Org.). Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.